

## OS AUTORES-FONTE NA FONÊMICA DE MATTOSO CÂMARA<sup>1</sup>

Angela França (USP)

### INTRODUÇÃO

Pouco depois da fundação das faculdades de letras, línguas e literaturas no Brasil,<sup>2</sup> realizou-se na cidade de São Paulo, em 1937, o *Congresso da Língua Nacional Cantada*. Reuniu especialistas – foneticistas, professores de língua, ortoépia e canto, compositores e musicólogos, configurando o primeiro grupo de decisão que enfrentou o problema de descrição da variedade urbana do português brasileiro como língua padrão (cf. Affonso 1958) e instituiu as “Normas para a boa pronúncia da língua nacional no canto erudito” (1938).

Após esse esforço coletivo, em 1949, Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1904-1970) defenderia sua tese de doutoramento, no Rio de Janeiro. Sua proposta inspiradora, *Para o estudo do fonêmica portuguesa* (1953), contém soluções para problemas descritivos do português brasileiro que são em boa parte sustentadas até hoje.

Retrospectivamente, as duas obras mencionadas, as *Normas* e a *Fonêmica*, permitem identificar duas tradições brasileiras de pesquisa na história do estudo sobre a forma lingüística, de acordo com suas respectivas metodologias (Laudan, 1977). Uma delas, a das *Normas*, estuda os sons atualizados na fala em si mesmos, no que têm de natural dos pontos de vista fisiológico (articulatório) e físico (acústico/auditivo), procedimentos usados na Fonética dita clássica; outra, a da *Fonêmica*, estuda a relação de entidades abstratas que organizam a estrutura daquela atualização e estabelece as unidades funcionais que servem para distinguir o sentido de morfemas e palavras, porque vê a língua como um sistema, um objeto autônomo.

Esta distinção já era assumida pela lingüística geral desde o final dos anos vinte, quando o *Círculo Lingüístico de Praga*, traçando o novo domínio de investigação, considerara a relação de oposição entre as duas disciplinas e separou a Fonologia da Fonética: enquanto a Fonética era necessariamente atomista e ‘naturalística’, a Fonologia era universalista por natureza (cf. Trubetzkoy 1978). Foi na perspectiva universalista da fonologia de Trubetzkoy que o brasileiro Mattoso Câmara se engajou ao defender sua tese publicada em 1953, em contraste às análises atomistas e naturalistas das *Normas* (1938) e de seu mentor técnico, o foneticista Antenor Nascentes (1886-1966). A título de exemplo, confrontem-se as duas perspectivas, a da fonética e a da fonêmica.

A vogal oral *a* no Brasil [é] aberta ou reduzida: *sofá, rosa*. [O] *e* [é] aberto ou fechado: *quero, dedo*. O *i* [é] aberto em sílaba tônica fechada por *l* ou ditongo tônico: *anil, viu*. [E]m outras condições, fechado em sílaba tônica e em átona: *vi, mirada*. Praticamente não se percebe a diferença entre *i* aberto e fechado.

Na pronúncia padrão, [são] reduzidos *e* e *o* finais. [O] *e* surdo soando aproximadamente *i* [...], nunca [...] deverá soar como o *i* de *pista* ou de *funil* [...]. Em sílabas pretônicas o *o* é sempre surdo nos hiatos (*pueta*). [A]parece [...] noutros casos, sem que seja possível [...] enunciar regras fixas e nem [...] tendências: *cuzinhar, cuzido* [...]. (Nascentes 1933: 25-6 e NBP 1938: 63-4, respectivamente)

A tradição nos estudos fonéticos, entre nós, é a de insistir na diferença acústica entre as vogais átonas finais /i/ e /u/ e as [...] depreendidas da pauta tônica. [...] Ora, do ponto de vista fonêmico, só interessa a circunstância de não haver contrastes distintivos, no caso, entre /e/ e /i/

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi elaborado a partir da tese de doutorado, *Para uma historiografia de resolução de problemas: da ‘arte de dizer’ na fala carioca às descrições da variante oral do português brasileiro (1937-1960)*, defendida em novembro de 2003, na Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Cristina Altman, a quem muito agradeço. Também agradeço as contribuições da banca examinadora: os professores doutores Maria Carlota Rosa (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Gildo Magalhães dos Santos (USP) e Paulo Chagas (USP).

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo, em 1934, e Universidade do Distrito Federal, em 1935, esta eliminada pelo governo Vargas e substituída pela Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

e entre /o/ e /u/. [...] O foneticismo naturalístico é que baralhou o problema ao [...] estabelecer vários tipos de /a/, /i/, /u/. [...] Ultrapassando as letras do alfabeto, temos, apenas, a mais, como fonemas distintos, as oposições entre /e/ e /è/ e /o/ e /ò/, que são [...] funcionais em português. Daí, as 7 vogais que fãcilmente se deduzem de séries vocabulares como – /vidi/, /vedi/, /vèdi/, /vadi/ e /suqu/, /soqu/, /sòqu/, /saqu/. (Câmara Jr., 1953: 129, 68-70)<sup>3</sup>

Percebe-se que a dificuldade de análise estava no uso do parâmetro ‘timbre’ tomado como base para a classificação das vogais ‘nacionais’.<sup>4</sup> A pronúncia das vogais reduzidas ou surdas era descrita imprecisamente: pronuncie-se ‘quase’ como [i] ou [u]. Por conta disso, as *Normas* (1938: 64-5) estabeleceram as chamadas ‘vogais compromissórias’, isto é, um compromisso de fechar ‘discretamente’ as orais abertas nos sons agudos do registro vocal e, inversamente, ‘clarear’ as orais e nasais fechadas nos sons graves.

Aqui, retomo um tópico que despertou minha curiosidade: como Mattoso coletou seus dados? Ressalto a semelhança de exemplares lingüísticos presentes na *Fonêmica* e nas *Normas* (doravante, NBP), contrapostos ao exemplário particular da descrição de Mattoso. Postulo que as NBP e as obras de Nascentes aglutinam fontes importantes para a construção do *corpus* fonêmico. Exemplifico em duas questões descritivas no domínio do sândi: a ligação entre palavras e a pronúncia oscilante entre tritongo, ditongo e hiato.

---

<sup>3</sup> Respeitou-se a ortografia nas citações, mas nem sempre os parágrafos.

<sup>4</sup> Cf. Nascentes (1933), da distância entre a língua e o céu da boca (‘abrimento’ para Câmara Jr., 1956) resulta o timbre das diferentes vogais: volume maior no ressonador bucal, som oral mais grave; volume menor, som oral mais agudo. Na descrição fonética, as vogais se desdobram em uma escala de timbres crescentes (do som anterior mais fechado [i] para o mais aberto [a]) e decrescentes (do posterior [ø] para o mais fechado [u]; por exemplo, br[a]dar, mas br[ø]mar (cf. Câmara Jr., 1953: 70).

## OS AUTORES-FONTE DOS *CORPORA* NA FONÊMICA DE 1953

Como sabemos, o primeiro capítulo da *Fonêmica* (1953) apresenta os princípios teórico-metodológicos da fonologia (ou fonêmica, como o autor preferiu). Entre outros problemas, Mattoso Câmara (1953: 40) discute a dificuldade de recorte do objeto ilustrado pela palavra *fixo* /fiqu/. Para ele, esse era um caso cujo som consonântico exemplifica um grupo (*cluster*) constituído de dois conjuntos de traços que, sozinhos, podem funcionar em outras palavras: *isso* /isu/ e *icto* /iqtu/. Em contrapartida, nas NBP (1938: 63, 91), o exemplo correspondente compõe a lista das 25 consoantes da língua-padrão: “X ou CH – fricativa palatal surda [ou] alveolar, sôa mais raramente como grupo consonântico *cs* (ficso, anecso [etc.]).” Sabemos também que o terceiro capítulo da *Fonêmica* (1953) traz a versão pouco modificada daquela apresentada anteriormente no *Congresso Brasileiro de Língua Vernácula* (1949). Funciona como amostra da aplicação de conceitos operatórios da fonêmica (ou fonologia) em dados extraídos da poética nacional, pois, afinal, a rima indica a pronúncia normal espontânea. Sabemos, ainda, que o segundo capítulo se subdivide em temas que, *grosso modo*, constituem um fato e/ou fenômeno fonético-fonológico vistos da perspectiva fonêmica como questões a resolver por meio da oposição de traços distintivos de natureza prosódica e de natureza articulatória.

Em estudo anterior (França 2003), observei que na *Fonêmica* (1953: 71, 129) há apenas duas citações diretas ao *Congresso da Língua Cantada*, cujos exemplos, comentados dessa ‘nova’ perspectiva, foram retirados das NBP (1938: 63, 64). No entanto, encontrei outros dados semelhantes em que não estava explicitado de onde Mattoso os havia retirado. Intrigada com isso e assumindo que Mattoso conhecia de perto quais fatos ou fenômenos, nas descrições fonéticas de seu tempo, eram considerados anômalos (posto que irregulares), verifiquei que os *corpora* da análise de 1953 foram as NBP e os trabalhos de Nascentes (particularmente *O Idioma Nacional*, de 1937/1938 e as “Questões de Fonética”, de 1939[1938]), além do rimário na poética brasileira e, certamente, de dados do seu próprio idioleto.

Dos 80 dados fônicos que levantei, exaustivamente, na segunda parte da *Fonêmica*, 33,75% responderam por uma parte razoável do *corpus* construído pelo lingüista a partir do falar carioca já documentado. Quer dizer, um terço dos dados ali encontrados foram reaproveitados de estudos brasileiros feitos anteriormente. Há 18 exemplos retirados das NBP; 22 das obras de Nascentes; 4 do trabalho de Sousa da Silveira (1883-1967) e 2 de textos de José Oiticica (1882-1957). Tais índices sugerem que o exemplário de Mattoso de fato retomou, em boa parte, de uma perspectiva fonêmica, questões fonéticas vistas como problemáticas por sua geração. São elas:

- (1) Multiplicidade de vogais classificadas quanto ao timbre e a conseqüente imprecisão na caracterização das vogais reduzidas, por exemplo, f[]Liz ~ f[e]liz ~ f[i]liz;
- (2) vocalização da líquida lateral em final de palavra, /mal/~maw/;
- (3) pronúncia das outras consoantes em final de palavra, ma[] ~ ma[] ~ ma[], pa[] ~ pa[];
- (4) pronúncia da vibrante forte, ca[]o ~ ca[]o ~ ca[]o ~ ca[]o ~ ca[]o etc.;
- (5) casos de harmonia vocálica, s[o]ar ≠ s[u]ar;
- (6) casos de alternância verbo-nominal, s[i]rvis (2.<sup>a</sup> pes. pl., de *servir*), s[e]rvis (pl. de *servil*);
- (7) casos de epêntese, ad[e]vogado, ab[i]ssoluto;
- (8) pronúncia das vogais nasais, b[a]nana ~ b[ã]nana;
- (9) oscilação na pronúncia entre ditongo/hiato, mio.lo ~ mi.o.lo;
- (10) casos de ligação de palavras, sá-la-már-gu, lú-za-zúl.

Essas dez questões são retomadas na *Fonêmica* em termos de pauta tônica; neutralização; arquifonema; debordamento; estrutura da sílaba; e juntura ou sândi.

QUESTÕES NÃO SOLUCIONADAS  
NO PLANO PROSÓDICO  
EM DUAS TRADIÇÕES DE PESQUISA

Em uma das plenárias na qual os especialistas debatiam o *Anteprojeto da língua padrão* (1937), Antenor Nascentes (*Anais* 1938: 34) destacou a parte que tratava de fonética sintática: pela primeira vez em língua nacional a questão da “ligação das palavras e tritongos” era dada à apreciação coletiva. Não havia consenso entre os gramáticos sobre o número dos ditongos e tritongos, mostrando “quão longe estamos da solução científica do problema” (cf. Oiticica 1955: 49). A famosa troca de cartas entre Nascentes e Oiticica em 1938 ilustra a controvérsia sobre os ditongos: na interpretação de Oiticica (1955: 179-180) a divisão fonética não poderia ser *chei-o*, e sim, *che-io*: “forma sílaba com o *o* e, não, com o *e*”; na interpretação de Nascentes (1939: 127), a parte semivogal ocupa a primeira sílaba e a parte semiconsoante, a segunda sílaba, *chei-yo*. Nascentes, que sempre clamou pela instalação de laboratórios de fonética no Brasil e, atento, acompanhava a literatura publicada em Portugal com os últimos resultados obtidos pela técnica experimental, disse que se visualizava um desdobramento: “o ditongo é uma vogal longa que muda de timbre no curso de sua emissão”.

Por seu lado, Mattoso Câmara (1953: 38, 67, 124) retomou essa questão e verificou que, na atualização da fala, os fonemas vogais e consoantes funcionam combinados em uma unidade maior, a sílaba. Foi nesse domínio que o autor resolveu o problema da oscilação na pronúncia entre ditongo fonético e hiato fonético, exemplo de liberdade de variação na pronúncia, porque não têm valor distintivo. Nesse plano prosódico, o fonema, embora definido como feixe de traços distintivos, é indivisível, porque constituinte imediato de uma unidade maior – a sílaba. O acento de intensidade opera sobre grupos de fonemas que constituem essa unidade fonológica. Sua presença ou ausência e variabilidade incide sobre determinado constituinte dessa unidade – o núcleo da sílaba. Esse lugar prosódico é ocupado em português sempre por uma vogal, por isso, dita silábica. Por oposição, a consoante pode ocupar suas margens crescente e/ou decrescente (ápice/ declive, direita/esquerda). Mattoso Câmara (1953: 72) apoiou a interpretação de Nascentes: da perspectiva fonética, a pronúncia é /xeiyu/, “o que é exato do ponto de vista naturalista, mas fonemicamente irrelevante”: como não têm valor distintivo, *glides* não são fonêmicos. Mattoso usou esse exemplo como argumento para demonstrar que estavam separadas as metodologias da Fonética e da Fonêmica.

O fenômeno da ligação das palavras também era considerado problemático pelos congressistas, pois dependia do ritmo e do acento ‘psicológico’ de cada frase. Veja-se o caso do que se poderia chamar, hoje, de ‘frase fonológica’ (v. Bisol 1996):

Quem implora ao jogador de seu clube fazer um ponto no jogo, insiste no ‘um’ e pronuncia [...] hiato: ‘Faça um!’. Mas si pede com insistência quase imperativa, apenas ‘um só’ ponto, o ritmo da frase deslocando-se do ‘um’ para o ‘só’ obriga a converter o hiato num ditongo: ‘Faça-um só!’ Mas si desesperado, irritando-se até consigo mesmo, ordena que o jogador faça o ponto, apressa ainda mais o ritmo [...], devora a vogal mais inútil [...] e exclama a frase completa: ‘Faça um! Faça-um só! com mil diabos, faç’um só!’ Este exemplo é suficiente para demonstrar a impossibilidade de fixar normas para a ligação das palavras. (*Normas* 1938: 86)

Para o português brasileiro, por ora, o problema ficaria nas mãos do falante, bem como nas do compositor e nas do cantor. Contudo, para guiar a dicção do cantor (e, por extensão, do falante) era possível apontar dois tipos de “tendências fisiológicas de pronúncia” (cf. NBP 1938: 86), a partir da caracterização da vogal final na primeira palavra do sintagma. No primeiro tipo, isto é, se a primeira palavra terminada por vogal oral for reduzida e a da palavra seguinte começar por vogal igual ou a imediatamente seguinte das séries decrescentes *a-e-i* e *a-o-u*, sendo átona, ela ‘devora’ a primeira: *ganhei uma not’excelente, pobr’isntinto, cas’oposta, sonh’utilizado*; ao contrário, a reduzida nunca é devorada pela tônica seguinte quando o *e* surdo estiver diante de *é* ou *ê*, o *o* surdo diante de *á*, *ô* e *u*, ou nos ‘saltos’ de uma série para a outra

(e+o, e+u, o+e, o+i). As exceções ficam por conta de herança portuguesa: *vinha-d'alhos*, *fios-d'ovos*.

Nos outros casos todos em que a segunda vogal é tônica, só mesmo o ritmo e o movimento psicológico da frase podem decidir a pronúncia. Compare-se:

a+a: Não havi'alma viva.

Quer que faça-alto? [etc.] (NBT 1938: 87)

No segundo tipo, ou seja, se a primeira palavra terminar por vogal tônica, as duas se conservam formando freqüentemente um hiato, mas poderia surgir um ditongo. O que se percebe, garantiam os congressistas (NPB 1938: 87), é o prolongamento da vogal em questão, haja vista o 'nítido' prolongamento do *i* até mesmo quando o *i* tônico é seguido por *i* ou *e* surdos: *nunca vi-idoneidade mais discutível* e *ali-istavam três homens*.

Os autores das NBP (1938: 81) observaram também que a pronúncia oscilava entre tritongo e ditongo crescente. Como exemplo deram a representação em forma de texto e em forma de 'execução' na pauta musical para mostrar o caso factual de o ditongo corresponder a uma só nota da melodia, *en-tre-ga-te'ao mar* e *i)-ntre-ga-tiô mar*, respectivamente, caso distinto, porém, de *alert'au mar* e *jogaduáu mar* (NBP 1938: 90). Quer dizer, por um lado, apontaram para diferenças que ocorrem na pronúncia de ditongos crescentes e decrescentes, e de outro lado, parece-me, implicitamente chamaram atenção para os efeitos decorrentes do papel do acento.

Ora, na análise de Mattoso Câmara de 1953, o acento está na base de toda a arquitetura do sistema de vogais portuguesas (cf. *sábia*, *sabia*, *sabiá*). Toda palavra, como forma 'livre', tem um acento de proeminência na pauta prosódica. Para Mattoso Câmara (1953: 63-4), o vocalismo português está ligado ao acento e à pauta prosódica que, por sua vez, produz junturas (=sândi). Quando entram em contato a vogal final átona da primeira palavra com a átona inicial da palavra seguinte, esse fenômeno acontece ou devido à regra de elisão (se as duas vogais forem diferentes), */lʰ↓dofé"lya<sup>5</sup> linda Ofélia* (ditongo decrescente), ou devido à regra de crase, "como anot[ou] Nascentes (1937: 64-5): [n]os encontros de vogais iguais há a sua fusão [fonética] numa vogal longa" (cf. Mattoso Câmara 1953: 64), tal como as NBP (1938) ratificaram. Não obstante, a regra de crase não atua quando uma das vogais iguais for acentuada, */bé'laámiza"di/ bela amizade*, o que, da perspectiva fonêmica, permite a delimitação de dois vocábulos juntados durante a sua atualização, graças à "curva de intensidade, em que a vogal começa com debilidade máxima e termina com atonicidade média." Com efeito, a junção não desaparece, porque a função delimitativa precisa é exercida na cadeia fônica pela atonicidade máxima, que indica regularmente o final da palavra, enquanto a atonicidade mínima indica do mesmo modo o começo da outra palavra: *grande ardor* vs. *gradeador*, */grã'dyardor"/*, */gradyador"/*, a semivogal da ditongação crescente, por portar o traço [atonicidade máxima], permite perceber que ela se manteve como fonema final */y/* (cf. Mattoso Câmara 1953: 63) e inferir, portatno, uma junção decorrente da pauta de debilidade acentual.

Em contexto de dados semelhantes, novamente, confronte-se as duas perspectivas, a da fonética e a da fonêmica, notando que Nascentes, no segundo exemplo, representou o valor da chiante caracteristicamente ouvida no falar carioca:

A consoante final de uma palavra, quando combinada com a vogal de outra dentro de um grupo sônico, é tratada como intervocálica e agrupa-se silábicamente com a vogal que se lhe segue. Ex.: *Sal amargo* (sá-la-már-gu); *Amar a Deus* (a-má-ra-deux); [...] *Luz azul* (lú-za-zúl). (Nascentes 1960: 31)

[A]s consoantes finais */l/*, */r/*, */s/* se combinam com uma vogal inicial, formando uma sílaba que elimina a separação vocálica e tira [delas] as suas peculiaridades de articulação pós-vocálica ao fazê-las consoantes intervocálicas: o */l/* posterior torna-se dental; o */r/* e o */s/*, que na pronúncia do Rio, quando pós-vocálicos, são respectivamente uma fricativa velar e uma sibilante chiada, passam [a] */r/* dental lene e [a] sibilante pura */z/*, como exemplifica Nascentes com - */salamar'gu/*, */amaradeus'/*, */luzazul'/*. (Câmara Jr., 1953: 64)

<sup>5</sup> Apóstrofos duplos marcam o acento primordial do grupo fônico; apóstrofo simples, depois de sílaba, indica que ela é tônica.

Da representação do hífen no primeiro e no terceiro exemplos infere-se a silabação na emissão do conjunto fônico, pois a análise de Nascentes sai fora da situação de intercomunicação isolando a forma em questão, no caso, a sílaba. Diferentemente, o tratamento de Mattoso Câmara leva em conta o grupo fônico realizado como um todo. Na configuração fonética resultante, Mattoso examina então a hierarquia gradual da oposição acento *versus* não-acento no ‘grupo de força’, assim estabelecendo seus constituintes prosódicos: os vocábulos ou palavras fonológicas.

Em 1953, no estudo da distribuição das tonicidades no domínio do sândi, a famosa representação matemática de números inteiros (3, 2, 1, 0) ainda não era usada. Há apenas a descrição em prosa.

Seguindo a *Fonêmica* de 1953, a propriedade de atonicidade é variável conforme a posição das sílabas em relação à posição da vogal que porta o traço +[tonicidade]: “é apenas a gradação da intensidade das sílabas que faz do segmento fônico um ou dois vocábulos. [Tem, portanto,] papel de delimitação vocabular” (cf. Câmara Jr., 1953: 65). Para Mattoso Câmara (1953: 64-5), o contraste sintagmático de formas como *habilidade vs. hábil idade* mostra que em palavras paroxítonas a exemplo de *habilidade*, há três graus de atonicidade nas vogais, núcleo de sílaba: atonicidade máxima na vogal da sílaba final; atonicidade mínima na vogal da sílaba anterior a da pretônica (-bi-); e atonicidade média tanto na vogal da sílaba pretônica (-li-), como na vogal /a/ da inicial. Em contrapartida, em sintagmas como *hábil idade* observa-se atonicidade máxima na vogal que precede a consoante final do primeiro vocábulo do conjunto fônico; atonicidade mínima na vogal pretônica da sílaba formada pela ressilabação ocorrida na fronteira entre palavras; e subtonicidade da vogal inicial do primeiro elemento do sintagma quando aparece o acento secundário, pois ocorre a atenuação do valor tônico que a forma *hábil* teria se fosse tomada isoladamente. Esse exemplo de 1953 e o posterior, mais famoso, *celebridade vs. célebre idade*, seriam tomados como evidências, a partir das quais Mattoso Câmara (1976: 53) postularia “uma juntura ‘supra-segmental’ decorrente das pautas acentuais.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse seu estudo resultou o estabelecimento dos constituintes imediatos de uma unidade do plano prosódico, o ‘grupo de força’ ou, caso se queira aproximar com a metalinguagem atual, ‘frase fonológica’: as palavras fonológicas foram delimitadas por meio de traços de natureza prosódica, ou seja, o jogo de oposição gradual dos traços  $\pm$  [tonicidade] e  $\pm$  [atonicidade]. Parece resultar também, ao menos implicitamente, a noção de forma ‘dependente’ para os clíticos, isto é, formas sem sílaba tônica (cf. Câmara Jr., 1953: 59), porque lhes falta a propriedade acentual que daria individualidade ao clítico em uma seqüência proferida. Para Mattoso Câmara (1953: 61), a atonicidade mínima característica de *o*, *a*, *os*, *as*, seria a responsável pelo abandono do uso desses pronominais na linguagem coloquial: do ponto de vista sincrônico, a sintaxe estaria sofrendo as conseqüências da prosódia.

Dentre as questões fonéticas que preocuparam a comunidade intelectual da época e que foram retomadas por Mattoso, nove delas estão no contexto da alofonia portuguesa (a exceção é a da alternância). O fato de a maioria das questões retomadas pertencerem ao contexto da variação sociolingüística (variação livre, na metalinguagem estruturalista) já era esperado, pois a distinção dos lingüistas de Praga preconizara, de um lado, a Fonética, que lida com informação previsível, estudando os significantes de *per se*, e de outro lado, a Fonologia, que lida com as relações paradigmáticas de oposição entre significante e significado e com as regras combinatórias nas relações de contraste.

Tendo em vista a descoberta de quais fones são unidades funcionais de língua – fonemas porque distinguem significações – e quais fones são variantes de fala, alofones, porque não o fazem, Mattoso Câmara construiu seu *corpus* com um conjunto de fatos no contexto fonético em que os fenômenos de variação têm mais chance de ocorrer no português brasileiro, a partir da norma carioca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFFONSO, R. Padronização da Prosódia Brasileira. **In:** *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro: MEC, 1958.
- ANAIS do primeiro congresso da língua nacional cantada*. São Paulo: Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, 1938.
- ANTEPROJETO da língua padrão apresentado pelo departamento da municipalidade de são paulo ao congresso da língua nacional cantada*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. **In:** *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- FRANÇA, A. *Para uma Historiografia de Resolução de Problemas: Da 'arte de dizer' na fala carioca às descrições da variante oral do português brasileiro (1937-1960)*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2003.
- LAUDAN, L. *Progress and its Problems: Towards a theory of scientific growth*. London: Routledge & Kegan Paul, 1977.
- . *Princípios de Lingüística Geral como Introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.
- . *Dicionário de Fatos Gramaticais*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.
- . *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- NASCENTES, A. *O Idioma Nacional: Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Machado/Alves, 1933.
- . *O Idioma Nacional*. Rio de Janeiro/São Paulo/Recife: Cia. Ed. Nacional, 1960.
- NORMAS para boa pronúncia da língua nacional no canto erudito. **In:** *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.
- OITICICA, J. Estudos de Phonologia. **In:** *Roteiros em Fonética Fisiológica: Técnica do Verso e Dicção*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1955.
- . Carta Aberta a Nascentes (Sistema Fonético Brasileiro). **In:** *Roteiros em Fonética Fisiológica: Técnica do Verso e Dicção*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1955.
- SOUZA DA SILVEIRA, A. F. *Lições de Português*. São Paulo: Nacional, 1934.
- TRUBETZKOY, N. A Fonologia Atual. **In:** Marcelo Dascal (org.), *Concepções Gerais da Teoria Lingüística*, Vol. 2. São Paulo: Global, 1978.